



A CONVITE DE JÚLIO RESENDE

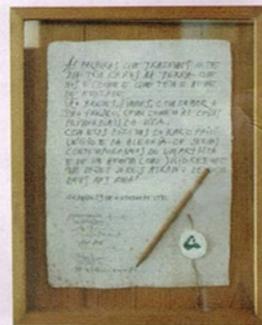
Era uma vontade antiga do mestre, esta de abrir as portas da sua Casa-Ateliê ao público, após o seu desaparecimento **JOANA FILLOL**

Zulmiro de Carvalho vem, simbolicamente, esperar-nos junto de um pequeno portão que liga o Lugar do Desenho-Fundação Júlio Resende à casa onde o pintor viveu, desde 1965 até falecer, em 2011. «Este é o percurso que o mestre fazia para vir à Fundação», conta-nos o escultor, que nunca chegou a ser aluno de Resende, nas Belas-Artes, mas que com ele cimentou uma amizade, graças à relação de vizinhança. Zulmiro é de Valbom, Resende era do Porto, a cidade que tanto desenhou a tinta-da-china, como pintou a aguarela, com contornos de afeto e emoção, mas que acabaria por deixar, em busca de tranquilidade. «Vivia na Rua de Grijó (no Porto), mas tinha um caldeirão ao pé, a fazer muito barulho, e ele queria um espaço para um ateliê sossegado», recorda o escultor, enquanto percorremos os poucos metros que nos separam da casa, pelo meio de um jardim cuidadosamente tratado – aqui uma ginkgo biloba oferecida por Pádua Ramos, ali um carvalho dado simbolicamente pelo próprio Zulmiro.

Foi o amigo e arquiteto Carlos Loureiro, que já aqui morava, a sugerir ao mestre este terreno em Gondomar, rodeado de dois elementos que tanto o fascina-

vam: a natureza de um lado, o Douro do outro. E seria, também, Carlos Loureiro a traçar o projeto da Casa (hoje classificada como património de interesse público), na qual Resende haveria de intervir. Desenhando, por exemplo, o mosaico de basalto e calcário que representa um pássaro, por onde os visitantes são convidados a entrar na casa. O ingresso principal é virado ao rio, mas este, à sombra de um carismático medronheiro, era o que o mestre mais usava.

«No verão, gostava de sentar-se aqui, à sombra da árvore, a ver os melros a comer as migalhas que lhes deitava», lembra o amigo, com ar de quem guarda a cena na memória. Esta é uma visita feita de afetos, conduzida por quem conheceu o mestre na intimidade e consegue quase trazê-lo de volta, com o cachimbo que, desde da ida do artista para Paris, em 1947, não largava: «Dizia que lhe aquecia as mãos.» Não veremos nenhum dos cachimbos. Há, aliás, poucos objetos pessoais de Resende. Manteve-se o mobiliário, na disposição em que estava, como a grande mesa da sala de jantar (depois de passada a tal porta de entrada), onde o pintor se reunia, aos domingos, com os amigos – «Chamáva-los ‘os marginais’». À volta dela, prossegue Zulmiro, «cresceu a ideia de criar



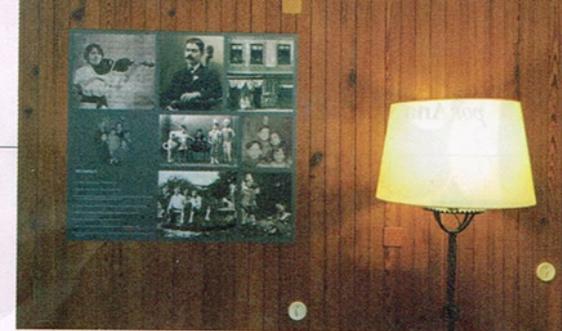
o Lugar do Desenho para reunir a obra do mestre» (mais de 2 mil trabalhos, que vão sendo expostos, alternadamente). Uma ideia talvez acalentada pelo fogo de sala, com um painel de azulejos de Resende e uma chaminé de granito que acompanha os vários níveis da casa, onde diferentes janelas estrategicamente desenhadas deixam entrar o sol, a natureza e o Douro. É uma casa acolhedora, na combinação de granito, madeira e tijoleira.

Nas paredes foram colocadas pinturas do artista, pertencentes ao espólio da Fundação, como um autorretrato, que terá sido feito em diferentes fases até ficar concluído, em 2006, oferecido ao Lugar do Desenho pela segunda mulher do pintor. Acrescentaram-se, também, fotografias. Numas, vê-se o mestre em pequeno, acompanhado pelos pais, pelos três irmãos ou pelo primo Fernando Lanhas. Noutras,



surge rodeado por amigos, alguns dos que compareciam sempre nesses jantares dominicais, como Manuel Casal Aguiar ou Francisco Laranjo. E ainda outros, bem conhecidos na vida cultural portuguesa, como Manoel de Oliveira, Eugénio de Andrade, Carlos Paredes. Emoldurada está, igualmente, uma sentida declaração de amizade oferecida a Resende pelo seu núcleo mais chegado, em 1992, um ano antes de o Lugar do Desenho ter sido inaugurado.

Acercamo-nos agora de um dos sítios mais esperados da visita. O ateliê, inundado de luz, já não se encontra totalmente preenchido por telas, cavaletes e pincéis, como se vê em algumas fotografias antigas. Mas está lá a tijoleira, marcada por numerosas manchas de tinta, um ou outro cavalete de madeira, as máscaras e os bonecos que trazia de viagens e continuam pendurados a um canto, junto da estante com



poucos livros (a Biblioteca completa foi instalada na Fundação). O amigo e médico Aníbal Liberal, que, entretanto, se junta à visita, lembra o que costumava estar em cima da mesa do ateliê: «Tinha um vaso com flores secas, o cachimbo e o cinzeiro, um copo de água e o lenço vermelho sempre pousado.» Num vídeo, que passa em contínuo, vê-se Júlio Resende a pintar ali, ao som de música erudita, de Stravinsky – «Era o seu compositor preferido», recorda Zulmiro. A vista, para as traseiras da casa, é a mesma que ficou registada em muitos dos seus óleos (mas em vez de dois diospireiros, vê-se, hoje, apenas um).

Por mais vezes que já tenham estado na Casa, após o falecimento do pintor, há uma saudade que transparece na voz dos amigos. Zulmiro sente falta, sobretudo, «do entusiasmo, do otimismo que nos punha na vida». O médico acrescenta a «boa disposição»,

o «extraordinário sentido de humor». E riem-se ao lembrar o que, no final da vida, quando já saía pouco de casa e do Lugar do Desenho, dizia, quando ia ao barbeiro: «Eu venho aqui pelos cabelos.»

Quando morreu, na sua casa, Júlio Resende trabalhava na sua autobiografia. Ainda não se sabe em que data, mas é uma vontade do Lugar de Desenho, publicá-la. Para já, está cumprida a que era uma das vontades do mestre: que a sua Casa-Ateliê fosse visitada, nomeadamente por jovens, para cumprir uma função didática. Afinal, lembra Aníbal Liberal, «Resende era um professor.»

VISITAS CASA-ATELIÊ JÚLIO RESENDE

R. Pintor Júlio Resende, 346, Valbom, Gondomar T. 22 464 9061. Primeiro e terceiro sábados do mês 14h30-17h30 ou por marcação prévia. 2 euros